

Relato de estágio: a importância da relação entre professor-aluno na atividade pedagógica

*Andressa Souza
Gabriela Araújo*

8

Introdução

Este artigo tem o objetivo de relatar algumas experiências significativas que adquirimos durante o processo de estágio obrigatório da Universidade. Essa prática, enquanto um campo de conhecimento para os futuros docentes da área de licenciatura, possui uma grande relevância para a formação de licenciandos enquanto futuros professores. Por meio do estágio, os alunos terão a possibilidade de vivenciar a prática docente, pois entrarão em contato com o campo educacional no qual há a possibilidade de começar a desenvolver suas práticas educativas, e que, por muitas vezes, estarão tendo contato pela primeira vez, conforme é dito por Lima e Pimenta (2006) no seguinte trecho:

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 6).¹

Como foi referenciado, o estágio, enquanto campo de conhecimento, se funda quando em contato com o seu campo social, que nesse caso é desenvolvido pela escola, onde o licenciando tem a possibilidade de desenvolver suas práticas educativas, a partir da ligação do que aprendeu no âmbito acadêmico.

Durante os meses de abril e maio de 2022 realizamos o estágio obrigatório no ensino fundamental I do curso de Pedago-

gia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desempenhado em uma escola estadual localizada no estado do Rio Grande do Norte, em um bairro da zona oeste do município de Natal. A escola está situada em Felipe Camarão, onde possui um ótimo ponto de referência por ter sido construída em uma rua movimentada, com fácil acesso, perto de residências, lojas, supermercados, farmácias e paradas de ônibus. Em uma das conversas que tivemos com a professora, ela comentou que devido à sua localização, eles atendem a população que mora no bairro de Felipe Camarão e no bairro vizinho Guarapes, em um trabalho desenvolvido ao longo de 21 anos em que a escola existe.

A coordenação nos informou através de respostas do roteiro de observação e diagnóstico que solicitamos que ele respondesse algumas informações acerca da organização da instituição que conta com um enorme corpo docente. Fazem parte da instituição de ensino: 32 professores do ensino regular, nove professores de educação especial, um professor intérprete e dois professores da sala de atendimento educacional especializado. Além disso, conta também com diretora, vice-diretora, coordenador pedagógico, coordenador administrativo financeiro, inspetora escolar, apoio pedagógico, assistentes administrativos, merendeiras, serventes e cuidadoras. Os cargos de professores tem como pré-requisitos possuírem título de graduação referente ao seu respectivo cargo, como por exemplo: Pedagogia, Educação Física, Artes, Matemática, Biologia, Letras Português, Língua Inglesa,

¹ PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. Revista Poésis, São Paulo: 2005/2006.

História ou Geografia. Referente a pós-graduação, mais da metade dos profissionais realizaram especializações na área.

A população que frequenta a escola é composta por um total de 620 alunos, os quais são distribuídos em 25 turmas do 1º ao 5º do ensino fundamental e 10 turmas da modalidade EJA, e os alunos com necessidades educacionais são assistidos na sala de recursos multifuncionais. A instituição funciona nos três turnos, sendo eles: matutino, vespertino e noturno.

Referente ao trabalho pedagógico, os professores possuem um dia na semana para realizar o seu planejamento na escola, havendo também, uma vez ao mês, uma reunião composta por toda a equipe realizada pela gestão escolar, prática esta que nos foi informada pela equipe de professores enquanto participamos de uma das reuniões delas com a coordenação. Nota-se uma preocupação pela gestão em manter a equipe unida, sendo observado uma boa relação e comunicação entre todos da comunidade escolar, sendo observado bastante na fala da diretora e do coordenador esse apoio entre toda a equipe e a importância da existência dessa união.

Desenvolvimento:

Ao sermos informadas pelo coordenador que ficaríamos com a turma de 4º ano, nos alegamos pois recebemos muitos comentários positivos das professoras e da gestão afirmando que a turma era muito boa. Ao ter essa informação nos questionamos por qual motivo teríamos recebido tantos comentários fazendo tal afirmação. Logo, no nosso

primeiro dia com a turma, observamos que eles eram calmos, calados e respeitavam muito a professora que estava responsável pela turma, dessa forma logo entendemos o motivo dos comentários sobre. Ainda durante o período de observação, ficou perceptível que o tamanho da sala não comportava a turma, pois a mesma era pequena, não contendo no espaço todos os móveis, e as últimas carteiras da sala ficavam impossibilitadas de serem usadas devido ao espaço, e elas eram posicionadas em filas, um atrás do outro. Logo após duas semanas de estágio, ocorreu a mudança para uma sala maior, contudo a organização das cadeiras continuava da mesma forma. Foi observado que, infelizmente, não havia muitas atividades expostas nas paredes, e que havia uma ausência de identidade da turma com aquele espaço, ficando evidente a falta de conexão dos alunos.

Durante as aulas, é perceptível o uso por todos os alunos da sala do livro didático, e o uso deles era constante, não havendo um dia durante a nossa observação que o material não tenha sido usado. A professora relatou que fez esforço para conseguir os livros para todos os alunos, inclusive dos novatos e enfatizou a importância de trabalhar com esse material, pois sustentava a sua prática em sala de aula. Consideramos a importância do material, porém eram livros que continham atividades mecanizadas e os conteúdos não eram bem explorados no livro. Eles continham explicações superficiais, não sendo aprofundadas, além de não haver relação com a realidade do aluno, e não contribuir com a conexão que poderia existir entre o assunto e a realidade dele no

cotidiano das crianças. Sendo assim, a prática da professora tornava-se restrita, porque ela se limitava ao que estava no livro, não aprofundando os assuntos, respondendo as atividades com base no que tinha no livro do professor e não levando para sala de aula outro recurso, lembrando em alguns momentos uma práxis mais tradicional.

A interação que ocorria entre o aluno e o livro didático era de forma mecânica, pois a docente não possibilita abertura para discussões sobre o assunto estudado, enfatizando muitas vezes somente as perguntas que tinham que ser respondidas no livro, podemos citar como exemplo em uma atividade do livro de Geografia, a qual era necessária a utilização de um mapa para poder ser respondido a questão, porém com a ausência do mapa, a professora somente deu a resposta para eles, não havendo contextualização com o sentido da questão estudada. Refletindo sobre o uso dos livros didáticos, Luckesi (1994) afirma que o livro didático poderia ser comparado metafóricamente como a bíblia sagrada, pois é encarado como um livro onde todas as respostas são verdadeiras, enquanto na verdade deveria ser utilizado como um material para discussões, como questiona Luckesi (1994):

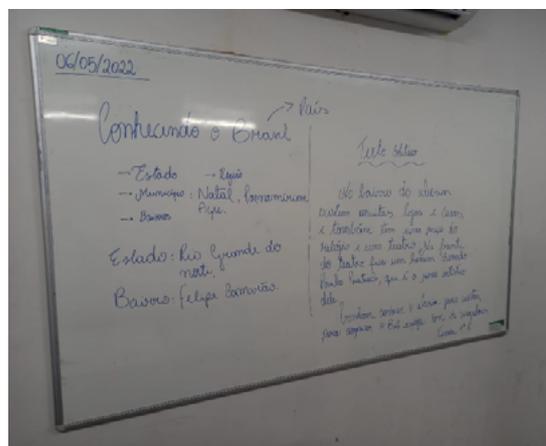
(...) Será que os livros didáticos merecem todo esse respeito e submissão? Ou será que devem ser usados sempre de uma forma crítica, como um ponto de partida a ser abordado, discutido, questionado, duvidado? Será que os livros didáticos contêm tantas e tais verdades que devemos nos submeter e submeter os nossos alunos a eles? (LUCKESI, 1994, p. 104)

Refletindo sobre essa prática com o livro, decidimos durante nossas mediações realizar intervenções que possibilitassem o uso

de espaços de diálogos, fazendo atividades em grupos, onde eles pudessem discutir sobre o assunto, trocar hipóteses, pesquisar juntos e assim fazer com que houvesse maior interação na sala de aula. Ademais, também foi uma decisão não utilizarmos o livro didático durante esses momentos pelo fato dele estar presente no dia-a-dia dos alunos.

Nesse âmbito, pensando em direcionar nossa prática destinada à exploração do tema “Rio Grande do Norte”, a professora, durante uma das reuniões de planejamento que ela tinha, nos mostrou um vídeo que abordava de forma descontraída os bairros de Natal, e assim utilizamos o vídeo como entrada para nossa primeira aula. Pensando nisso, queríamos executar o nosso projeto sobre algumas localizações de Natal, para que os alunos pudessem conhecer mais sobre a história da nossa cidade e que em alguns momentos pudessem fazer parte da história deles. Levamos outras propostas para que eles pudessem aprender, porém fugindo do que acontece no cotidiano da turma, desse modo, quando propomos a construção de um texto coletivo (ver anexo 1),

Anexo 1



Fonte: autores

desenhos e pesquisa em jornais, notamos o entusiasmo dos alunos com as propostas das atividades.

Sendo assim, as nossas atividades tinham como um dos objetivos que eles pudessem vivenciar outros meios de ensino, levando em consideração alguns aspectos que observamos e ideias que achamos que eles poderiam gostar, como foi a intervenção que pedimos para eles desenharem o ponto histórico do bairro da Cidade Alta que mais chamou a atenção de cada um (ver

anexo 2),
Anexo 2



Fonte: autores

porque notamos em alguns momentos na sala de aula que os alunos gostavam de ficar desenhando e o quanto eles eram talentosos. Outra atividade, tínhamos como objetivo conhecer e identificar o gênero notícia, o qual se encontrava em um jornal impresso do *Tribuna do Norte* (ver anexo 3 e 4), que se encontra há mais de 70 anos circulando em Natal, e seria um meio para conhecermos e explorarmos as notícias do estado do Rio Grande do Norte. Através dele, pedimos para que eles identificassem palavras que eles não tinham conhecimento do significado, e a partir disso escrever em uma folha

juntamente com o significado que eles mesmos encontraram no dicionário.

Outro fator importante para alicerçar o nosso objetivo de pôr em prática atividades que não precisassem da utilização do livro didático foram os encontros semanais destinados para o planejamento com a professora, ele foi imprescindível para a execução das aulas e para obter bons resultados. E como estudamos durante a maior parte do nosso curso sobre a importância de rea

Anexo 3



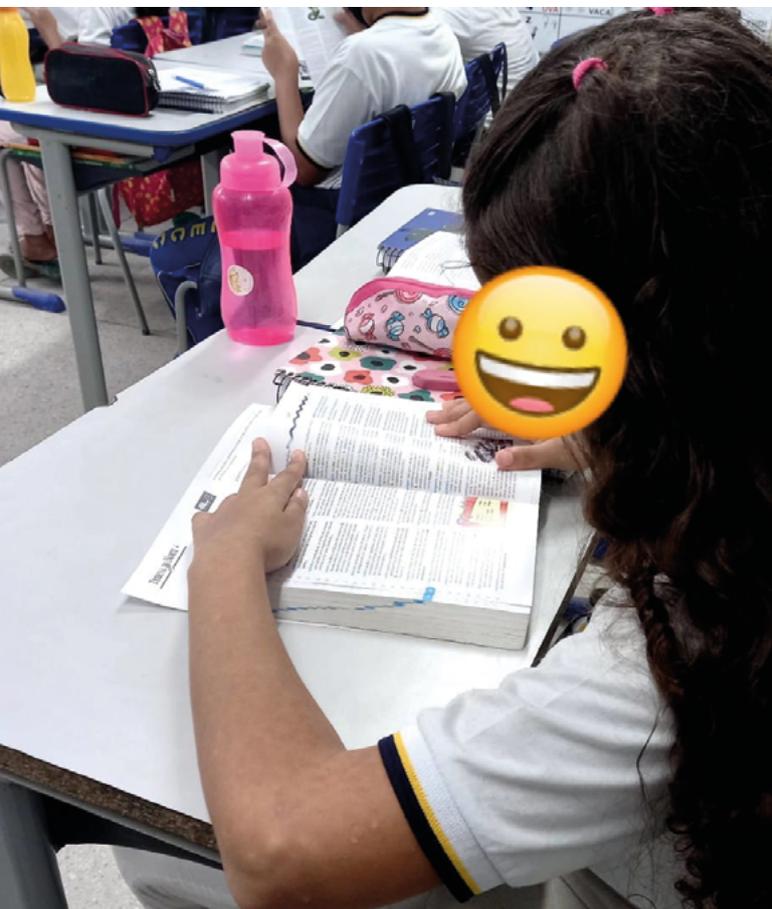
Fonte: autores

lizar um planejamento bem alicerçado para alcançar os objetivos presentes nele, sendo adequado a realidade da turma além também de realizarmos estudos sobre os conteúdos que iríamos ministrar para os alunos. Além disso, também sabemos que a realização do planejamento é um ato político-social, científico e técnico, bem como é dito por Cipriano Carlos Luckesi (2002):

O planejamento não será nem exclusivamente um ato político-filosófico, nem exclusivamente um ato técnico; será, sim, um ato ao mesmo tempo político-social, científico e técnico: político-social, na medida em que está comprometido com as finalidades sociais e políticas; científico, na medida em que não se pode planejar sem um conhecimento da realidade; técnico, na medida em que o planejamento exige uma definição de meios eficientes para se obter os resultados. (LUCKESI, 2002, p. 119).

Luckesi caracteriza o planejamento relacionando com o comprometimento que ele possui com os aspectos políticos e sociais, revelando assim a prática essencial que

Anexo 4



Fonte: autores

o profissional da educação deve ter. Este pensamento se potencializa durante as nossas observações, pois cada professor na escola possuía um dia para realizar o seu planejamento semanal e o mesmo fazia na escola, e durante as quatro semanas que pudemos estar presente, fomos convidadas para participar desse momento com a professora regente. O planejamento era realizado da seguinte forma: ela observava o que o livro didático ia propor no capítulo, delimitava o assunto e separava de acordo com os horários da rotina da sala

de aula. Ao elaborar a proposta da aula, a professora não adequava os assuntos para a realidade da sala, não havendo também a contextualização que é necessária para se introduzir uma ideia, informação, e história aos alunos, não levando em alguns momentos em consideração uma evolução crítica dos discentes.

Os planos de aula foram feitos de acordo com as temáticas trabalhadas pela professora regente: município, variedades linguísticas, substantivo próprio e comum e o gênero textual notícia. Desse modo, a nossa regência também foi elaborada dentro da proposta do projeto com propostas didáticas a partir do que iria ser ministrado naquele dia, pesquisas feitas em textos e pesquisas realizadas na internet. Ao decorrer do estágio, fomos ajustando as metodologias de acordo com a realidade da turma. Seguindo as sugestões da professora, foi possível ter uma maior percepção do que a turma estava mais aberta para fazer.

Sendo assim, de forma geral, as aulas foram trabalhadas por meio de estratégias para compartilhar com os alunos saberes sobre a realidade que faz parte da cidade que eles moram, ou seja, conhecimentos válidos socialmente para que de alguma forma produzissem algum sentido neles. Dessa maneira, durante os momentos de mediações os alunos demonstravam entusiasmo para compartilhar conosco os conhecimentos prévios que eles tinham das localidades da cidade e dos conteúdos. Em um dos momentos quando passamos o vídeo sobre o bairro de Cidade Alta, alguns alunos comentaram que nunca tinham ido até lá, que não era de conhecimento deles

a existência daquele local. O mesmo aconteceu quando passamos o vídeo do bairro Alecrim, a maioria já conhecia o bairro, iam lá com familiares e, uma fala nos chamou bastante atenção, quando um aluno disse que sempre que ia ao Alecrim, encontrava um homem prateado fazendo estátua em frente ao shopping.

Durante nosso período de estágio, houve de nossa parte, o que consideramos uma falta de afetividade, pois em alguns momentos não presenciamos um diálogo aberto, não havendo conversas com eles, demonstração de carinho por parte da mesma. Também durante o período em que estivemos lá presenciamos poucos momentos em que a professora demonstrou outras formas de afetividade como a presença e participação quanto à vida e o rendimento dos alunos. Coadunamos com o autor Almeida e Mahoney (2004, p.198):

À medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem. (ALMEIDA e MAHONEY, 2004, p.198).

Porém, esse foi apenas um recorte temporal de 1 mês, não sabendo da realidade do ano letivo, isto é, se a professora pode estar passando por alguma situação ou é a própria postura político-pedagógica dela.

É conhecido que a interação social é repleta de afetividade, que também é importante estar presente na sala de aula onde exercem influência na aprendizagem dos alunos, dessa forma, as interações entre

professor e aluno estão repletas de afetividade, tornando-se uma aliada desse processo, pois as crianças estão em constante progresso socialmente e intelectualmente. Assim, a afetividade é construída gradativamente e pode contribuir para o desenvolvimento intelectual, como também neutralizar ou atrasar o aprendizado. É papel do docente conseguir desenvolver essa sensibilidade e compreender que cognição não pode estar separada da afeição.

“Educar sem afeto é esculpir uma face sem olhos nem ouvidos, sem paladar e sem as sensibilidades do tato, o que vale dizer: uma educação que propicia a preparação da pessoa para o mundo.” (Schettini, 2010, p. 15).

Nesse sentido, a afetividade e a inteligência são indissociáveis e formam as bases para a ação humana, pois não é possível reportar-se a um comportamento afetivo, sem o elemento cognitivo estar presente, ou vice-versa, sendo impossível associar a um comportamento que seja puramente afetivo ou cognitivo.

De acordo com Wadsworth (apud MOTA, 2009), duas características afetivas fazem parte do desenvolvimento intelectual: a motivação e a seleção das atividades a que o indivíduo direcionará sua atenção. A motivação poderá ser estimulada pelo meio que está inserido, onde o educador poderá criar situações de conflitos cognitivos, com perguntas, com o objetivo de chamar a atenção ou questionando seus alunos, favorecendo assim a interação social e a colaboração. Diante disso, o aluno ao se deparar com situações conflitantes terá motivação para reorganizar suas hipóteses.

Em contrapartida, em vários momentos

em que estávamos realizando o estágio fomos surpreendidas por algumas demonstrações de carinho com a gente, consideramos que esses momentos foram “resultados” da boa e afetiva relação que criamos desde o primeiro dia com os alunos.

A forma de demonstrar a reciprocidade desse sentimento estava presente de diferentes formas, desde o jeito de solicitar algo, a maneira que conduzimos a conversa sobre algo que não foi legal, a forma que fazíamos alguns combinados para que o funcionamento da rotina desse certo. Tudo isso, de certa forma, foi correspondido por causa da relação que foi estabelecida. Outra forma dos alunos expressarem esse sentimento era através de desenhos. Ainda no período de observação, começamos a receber deles carta, desenho e abraços quando entramos na sala e quando tínhamos que ir embora, todos esses momentos foram significativos para nós como futuras professoras.

Conclusões

Dessa maneira, a experiência que tivemos naquela sala de aula nos fez perceber que o ensino e as atividades continuam sendo importantes para o processo de aprendizagem dos alunos, mas além desses dois aspectos, há o fator da afetividade que também deve estar presente para com eles. Estivemos naquele ambiente apenas por um mês, mas o carinho, a alegria e o abraço que recebemos todas as vezes que entramos na sala foi uma das coisas que nos chamou mais atenção desde o princípio, a cada encontro notamos o quanto eram carinhosos e o quanto a afetividade não era tão

presente para eles.

Além disso, nosso objetivo com o projeto era que os alunos pudessem conhecer sobre a história e as particularidades de alguns bairros da cidade de Natal, para que eles pudessem aprender que aqui existem tantas histórias, pontos históricos importantes que fazem parte da nossa cidade e pessoas que são conhecidas naquela determinada região. Atrelado a isso, planejamos atividades de acordo com os conteúdos que estavam sendo ministrados pela professora, como forma de reforçar aquele assunto e levar propostas diferentes, mesmo que simples por causa da falta de recursos tecnológicos e de materiais.

A experiência no estágio nos trouxe experiências de diferentes maneiras. Ainda faz parte da realidade da educação brasileira a falta de recursos básicos nas escolas, o quanto para algumas instituições de ensino e/ou professores o livro didático é o único recurso para dar aula, tornando o aprendizado dos alunos cansativo e totalmente mecânico, pelo objetivo de utilizar o livro completo até o fim do ano e que o afeto deve estar presente na sua sala de aula, o quanto que isso pode mudar a relação professor-aluno para melhor. Desse modo, o nosso caminho continua sendo construído e não podemos deixar para trás o que aprendemos durante esse período na nossa futura profissão.

Referências

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo : Cortez, 1994. – (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. **Revista Poíesis**, São Paulo: 2005/2006.

SCHETTINI, Luiz Filho. **Pedagogia da ternura**. Rio de Janeiro, 2010. Editora vozes, 2º edição.

WADSWORTH, B. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.